

OS ÍNDIOS ENTRE A CRUZ E AS COROAS. REDUÇÕES JESUÍTICAS E PROJETOS COLONIAIS DO PARAGUAI A SÃO PAULO (SÉCULO XVII)

Fernanda Sposito*

RESUMO

As invasões dos portugueses de São Paulo na região do Prata e Paraguai no século XVII foram explicadas, pela historiografia tradicional, dentro do tema das “bandeiras paulistas”. Superando este modelo esquemático inicial, ao se analisar a instalação, destruição e transferência das reduções jesuíticas no Paraguai, pode-se notar como as dinâmicas espaciais e culturais das etnias ameríndias pré-existentes foram determinantes para a implementação do projeto colonial. Tendo o índio como motor dessa ocupação e destruição, propõe-se matizar as formas como se davam as relações entre as sociedades indígenas e os agentes coloniais de Espanha e Portugal, tanto laicos como religiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Índios – São Paulo – Paraguai

ABSTRACT

The invasions in the region of Prata by Portuguesees from São Paulo in the 17th century were explained, by the traditional historiography, in the theme of “bandeiras paulistas”. To excel this initial schematic model, analyzing the installation, destruction and transference of Jesuitic reductions in Paraguay, we can note how the spatial and cultural dynamics of the predecessor Amerindian ethnies were decisive for the implementation of the colonial project. Having the Indian as motor of that occupation and destruction, I propose to show the several ways how the relationships among the indigenous societies and the colonial agents of Spain and Portugal, were laic and religious as well.

KEYWORDS: Indians – São Paulo – Paraguay

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe relacionar dois temas consagrados sobre a colonização da América meridional. Situados em pontos geográficos relativamente distantes e imbuídos de sentidos diversos, as missões jesuíticas nas províncias espanholas do Paraguai e do Rio da Prata e as expedições ali realizadas de sertanistas portugueses oriundos da capitania de São Vicente, convergem, no entanto, para um objetivo comum: o domínio sobre as populações indígenas desta parte do continente americano. Ambos os temas, missões e sertanismo estão situados, por sua vez, num terreno perigoso da historiografia, que lida com mitos de origem das regiões em foco, em interpretações idealizadas e anacrônicas sobre estes movimentos históricos.

* Docente FATEC-SP, doutoranda FFLCH-USP, bolsista FAPESP.

As missões dos padres jesuítas para reduzir à fé católica os ameríndios durante a colonização ibérica foram alvo de debates e idealizações já durante o século XVIII, na derrocada da Companhia de Jesus face ao Iluminismo (SOUSTELLE, 1990: 11/9). Ao mesmo tempo, na capitania de São Paulo, memorialistas e genealogistas que procuravam legitimar o papel das elites locais, projetavam, nas expedições sertanistas dos séculos anteriores, um lastro heróico de seus antepassados, que deveria lhes garantir no presente uma posição proeminente (KANTOR, 2004: 240/2). Se tanto as missões jesuíticas quanto as “bandeiras paulistas”¹ tornaram-se temas clássicos de um modelo de história laudatória, de um lado, dos feitos dos “gigantes paulistas” e, de outro, dos “santos jesuítas”, a interpretação que busco como explicação e sentido destes dois grandes temas converge para as populações indígenas do Paraguai nos séculos XVI e XVII. Tanto as práticas de catequese dos padres quanto as expedições de apresamento dos sertanistas tiveram como alvo os ameríndios. No entanto, mais do que um agente passivo diante da inevitabilidade da conquista, dentro dos meandros da história indígena ou etno-história, trata-se aqui de perceber também as ações e os motivos que estruturavam os povos indígenas, face ao contato com os invasores europeus.

PROTAGONISMO INDÍGENA E A PRESENÇA DOS “PORTUGUESES DE SAN PABLO”

A partir de diversos eventos encontrados nos “Manuscritos da Coleção De Angelis”, documentos relativos às missões jesuíticas no Paraguai e Rio da Prata, pretendo trazer à tona elementos que auxiliem na percepção e na compreensão do protagonismo das populações indígenas. Estes documentos pertenceram ao colecionador e intelectual de origem italiana Pedro de Angelis, que vendeu ao Império do Brasil milhares de papéis de origem espanhola e jesuítica colonial. Jaime Cortesão procedeu à seleção de parte dos documentos da Coleção, hoje dentro do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e publicou, ao longo das décadas de 1950 e 60, os “Manuscritos da Coleção de Angelis”, que servirão de base para este estudo. Cortesão, elencando portugueses e jesuítas como atores principais, deu às populações indígenas o papel de simples coro como numa tragédia grega, pois representaria um elemento de ligação e explicativo sobre as ações dos protagonistas. (CORTESÃO, I, 1951: 82/3). No entanto, superando essa lógica, pretendo colocar as ações indígenas, especialmente dos chefes dos grupos guaranis, os caciques, como parte estruturante desta história.

¹ Uso este termo entre aspas para caracterizá-lo em seu sentido teleológico, uma vez que na época das expedições dos homens de São Paulo invadindo o domínio hispânico entre o final do século XVI e o decorrer do XVII não se tinha a designação “paulista” e o sentido de “bandeira” não era o de desbravador de fronteiras para o Brasil atual, tal como uma historiografia propagandista pretendeu mostrar (FERRETTI, 2004).

Abordarei aqui os domínios da Espanha que avançavam em direção à bacia do rio Paraguai, superando o núcleo colonizador básico de Assunção na província do Paraguai, assim denominada até 1618, quando foi desmembrada em dois, para compor também a província do Rio da Prata. Dentro desta ampla região, que abarcava o Paraguai atual, partes da Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil (Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), estavam localizadas as missões montadas pelos padres da Companhia de Jesus a partir de 1609. As missões ou reduções, por sua vez, estavam agrupadas dentro de três “províncias” jesuíticas: Guairá (seguindo o curso do rio Paraná, a leste de Assunção), Itatim (limitada pelos rios Miranda e Paraná, ao norte de Assunção) e Tape (nas margens do rio Uruguai, ao sudeste de Assunção).

Início com a história de alguns caciques presentes na província do Guairá. Esta província teve como marcos de fundação as missões de Nossa Senhora do Loreto e Santo Ignácio em 1610, tendo sido destruída pelas invasões dos sertanistas portugueses no final da década de 1620. A partir deste fato, segundo estimativas imprecisas, teriam sido escravizados milhares de indígenas catequizados ou das matas, cujas estimativas variam entre 70 mil a 300 mil pessoas (CORTESÃO, II, 1952: 61/3; CORTESÃO, I, 1951: 396/8).

O cacique Tayaobá (também grafado Tayoba ou Tayaova) dominava uma vasta área no Guairá, cujas terras levavam o seu nome. Além de ser uma ameaça aos índios inimigos que entrassem em seu território, o grupo que vivia sob a órbita do Tayaobá rechaçava também os espanhóis e padres que ali aparecessem. No entanto, apesar dessas indicações em contrário, os inacianos conseguiram obter a aliança do líder, que concordou com as condições de conversão colocadas pelo padre Antonio Ruiz de Montoya, provincial das missões do Guairá, em sua viagem às terras do Tayaobá em meados da década de 1620. Antonio Ruiz, com perigo evidente de morte por estar em campo inimigo, sabia que para arregimentar o adversário era necessário surpreendê-lo positivamente. Assim, apesar das histórias sobre o Tayaobá, em que se afirmava sua ira contra os inimigos, expulsando-os de suas terras ou devorando-os em rituais antropofágicos, como era típico da cultura guarani ao qual seu grupo pertencia, o padre aparentemente não se demoveu de seus propósitos (CORTESÃO, I, 1951: 203/68). Mesmo com as advertências dos índios aliados nas reduções próximas, que temiam pelo destino dos padres frente ao grupo do Tayaobá, Antonio Ruiz prosseguiu na missão.

De toda forma, esse temor deve ser relativizado, uma vez que vários caciques ameaçavam os padres e, sendo inimigos entre si, um grupo sempre achava que o outro poderia efetivamente matar os jesuítas. Posteriormente, quando Tayaobá já se aliara aos padres, outro cacique irreconciliável, Zuruba, foi morto nas terras do Tayaobá pelo cacique Pindoviu.

Antonio Ruiz, por sua vez, não se fez de rogado frente ao irreduzível Pindoviu. Apesar deste líder também querer “comê-lo”, o jesuíta estrategicamente sabia que se conseguisse conquistá-lo, traria com ele grande número de seguidores, além de mostrar para os outros índios a sua própria coragem. Desse modo, Pindoviu também acabou convertido, sendo convidado pelo padre para ser “cabeça” da nova redução a ser fundada. Ainda assim, os índios aliados aos padres continuavam achando que Pindoviu era uma ameaça fatal aos religiosos, não permitindo, por exemplo, que o provincial da Companhia fosse ao seu encontro. Insistindo em seu intento, os padres foram recepcionados por Pindoviu e sua gente com caminhos enfeitados de cruces. Em resposta, os padres, além de atenderem espiritualmente os nativos encontrados, dentro dos ritos cristãos, nomearam o cacique como capitão da redução e outros membros do seu grupo como alcaides, regedor e sargentos (CORTESÃO, I, 1951: 235/9).

Isso demonstra que a conquista dos povos indígenas pelo modelo jesuítico das reduções não implicava apenas no confinamento dos corpos e almas dos nativos em espaços que deveriam funcionar sob o parâmetro ocidental cristão, mas também na promoção de destacados líderes indígenas, que já detinham poder entre os seus, a cargos estratégicos dentro da estrutura colonial. Mais tarde, Pindoviu foi descrito pelo nome cristão de Dom Anton. Como prova de sua fidelidade aos padres, Anton Pindoviu aceitou em suas terras vários antigos inimigos, então convertidos ao cristianismo, como os índios campeiros e os guañanas. (CORTESÃO, I, 1951: 275/9)

Sobre o caso do cacique Tayaobá, é possível perceber através dele a importância que estes líderes representaram no sucesso da colonização, ao mesmo tempo em que poderiam tirar melhor partido frente ao quadro da conquista. Como dito, a resistência aguerrida que esse índio fazia ao poderio colonizador era conhecida e temida. Dizia-se que ele matava todo cristão ou índio servidor de um cristão que adentrasse em suas terras. Isso porque certa vez vieram espanhóis de Assunção oferecendo presentes aos principais da região e os caciques foram ao seu encontro. Na verdade, era uma armadilha para os escravizarem e só Tayaobá conseguiu escapar livre e com vida. No entanto, quando o padre Antonio Ruiz tentou contatá-lo em 1627, ele recebeu bem o padre, pedindo para ser abençoado pelo jesuíta, apesar de ter “comido” padres que acompanhavam o provincial em outra missão às suas terras. Pai de 28 filhos e casado com várias mulheres, abandonou a poligamia em favor do cristianismo, casando-se dentro dos ritos cristãos com a mãe dos seus filhos mais novos, batizada de D. Maria. Em seu batizado, recebeu o nome de Dom Nicolas Tayaobá e tinha um filho de mesmo nome, que quis ficar junto ao padre. O local da redução em que o grupo foi instalado pelos

padres foi num ponto alto, abaixo do rio Huibaí (talvez Ivaí), onde provavelmente os portugueses teriam passado na época da fundação de Assunção, segundo relataram os jesuítas (CORTESÃO, I, 1951: 244/52). A redução ali instalada em 1628 recebeu o nome de Siete Arcángeles de Tayaobá e sofreria as investidas dos portugueses de São Paulo no ano seguinte.

Quando se descreveu o Guairá, Nicolas Tayaobá foi citado inúmeras vezes como um exemplo de conversão. Pois, frente a índios rebeldes, que continuavam seguindo seus líderes espirituais, chamados pelos padres de feiticeiros e chupadores de feridas, Tayaobá era identificado como convertido verdadeiro, que tendo sido um dos mais “ferozes”, tornou-se um dos mais devotos. Seguindo o caminho do pai, Pablo Tayaobá também preferiu aceitar as crenças dos padres. Certa vez, levou sua filha enferma para ser curada pelas palavras divinas proferidas pelos inacianos, em vez de recorrer aos ritos de cura dos pajés, como era comum dentre aqueles convertidos de maneira superficial, aos olhos dos padres (CORTESÃO, I, 1951: 262/8). Interessante perceber que, em certo sentido, a lógica de cura ameríndia se manteve a mesma, só mudou seu agente. Assim, os índios recorriam a um líder espiritual com poder de curar os enfermos de malefícios que acreditavam ter origem além da dimensão humana e corporal. Fosse ele o curandeiro indígena ou o curandeiro cristão, interessava aos nativos livrar-se dos males. Como mostrou Eliane Fleck, os jesuítas souberam usar de maneira muito eficiente este poder que se auto-atribuíam, de terem uma resolução mágica para doenças e outros males cotidianos (FLECK, 1999: 293).

De todo modo, diante de agentes microbiológicos ou de sertanistas de São Paulo, nem o poder dos feiticeiros, nem dos padres podiam lograr êxito indefinidamente. Assim, a escolha de Tayaobá em se aliar aos jesuítas não propiciou nenhum tipo de vitória. Mesmo que sua redução não tenha sido totalmente destruída com a invasão dos portugueses ao Guairá entre 1628-29, o cacique acabou morto por doença ao se colocar em rota de fuga em relação a estes inimigos (CORTESÃO, I, 1951: 305/6; 342/4). Os padres haviam evacuado a redução dos Siete Arcángeles antes da chegada dos sertanistas, depois que várias outras haviam sido atacadas, quebrando o acordo tácito por parte dos portugueses de não escravizarem os índios cristianizados, mas somente os infieis das matas. Essa aliança com os padres acabou sendo mais arriscada do que a manutenção da guerra que até então mantivera contra eles. Se os inacianos não conseguiram deter o avanço português, sequer poderiam evitar os contágios de doença que sua cultura disseminava entre os ameríndios. Por isso, ainda que Tayaobá tenha sido um dos raros caciques salvos da prisão por parte dos moradores de São Paulo, não pode sobreviver à doença que o vitimou, provavelmente de origem europeia, algo tão corriqueiro entre os povos recém contatados.

Caso o cacique não tivesse morrido de doença, seu destino poderia ter tido também trágico, como relatou o próprio provincial Antonio Ruiz Montoya em 1638. Quando se dirigia à Corte, a fim de reclamar sobre os estragos feitos pelos portugueses no Guairá, Antonio Ruiz hospedou-se na cidade do Rio de Janeiro, ocasião em que encontrou antigos catecúmenos do Paraguai. Servindo no Rio como escravos, muitos índios, inclusive do Tayaobá, reconheceram o provincial neste encontro fortuito. De toda forma, ainda que o padre tenha acabado se notabilizando na luta pela libertação dos índios levados das reduções e tornados escravizados, o efeito de sua obra para reverter a destruição do Guairá foi inócuo. Uma década depois, os seguidores do Tayaobá ainda sofriam os males causados pelos portugueses.

Indios de la sierra ai muchos por aqui del Tayoba esta el hijo de Piraquatia, que era bien chiquillo entonces y aora esta ya hombre, creo que lo cobraremos, otro tenemos ya del Tayoba; nos an conocido y otros ai por aqui, querra el Señor que se negocie su buelta con graves sensuras del Papa cometidas a este P.^o Carnero que es hombre estimado por aca. (CORTESÃO, III, 1969: 291)

A despeito das práticas missionárias, que eram apresentadas aos índios como um caminho de salvação na terra e no plano divino, os padres não tinham efetivamente como vencer todas as batalhas pela disputa no controle dos nativos. Ainda que tenham conseguido a paz com os índios antes em guerra, não havia garantia a nenhuma das partes que houvesse uma vitória definitiva. Isso porque os outros agentes coloniais, portugueses ou espanhóis, usavam de todos os instrumentos para reverter a conquista jesuítica. Dessa forma, fracassava um dos principais objetivos dos índios ao se aliarem aos padres, que era se protegerem contra a escravidão, fosse o trabalho forçado nas *encomiendas* ou *yanaconato* nos domínios espanhóis, fosse a escravidão por guerra justa, dentro do regime português.

Se nas crônicas da conquista dos povos ameríndios a trajetória de Nicolas Tayaobá foi bastante curta, não foi irrelevante para os interesses de consolidação do domínio sobre os índios. O interessante aqui é ver como esse mecanismo de convencimento dos grandes chefes inimigos se sustentava. Dentro do padrão da descrição dos jesuítas, o índio “selvagem” e “sanguinário”, ameaça à propagação do cristianismo, teria duas formas de perceber a presença de deus. Ou seria tocado pelo amor divino, aceitando os princípios e práticas da doutrina cristã, ou seria castigado por este mesmo poder, sofrendo danos que poderiam inclusive culminar na morte, ao insistir no erro, como um raio fulminante, o ataque de um animal, ou ainda vitimado por uma doença incurável (FLECK, 2004: 281/2). Segundo as crônicas jesuíticas, era dentro deste esquema que os personagens indígenas se enquadravam.

Guirabera, outro líder indígena, trouxe à luz alguns aspectos que ajudavam a compor as alianças entre padres e índios. Seguindo então este modelo, Guiravera foi descrito como um feroz feiticeiro, que era um impedimento perigoso à dominação dos padres. Logo após os trabalhos missionários, nos mesmos campos do Tayaobá, tornou-se capitão de Jesus Maria, outra redução fundada em 1628. Além das alianças indígenas pré-existentes e do modo como os padres se articulavam frente a eles, colocava-se aqui mais um elemento: os invasores portugueses. Tanto no caso de Tayaobá eles apareceriam como um fator desestabilizador da conquista dos povos, como neste caso eles seriam um ponto de agregação. Isso porque se antes o indômito Guirabera desdenhava do poderio dos padres e de seu deus, dizendo-o ele próprio o senhor da terra e do céu, ameaçando seus inimigos com a morte e com os ritos antropofágicos, ante a ameaça portuguesa, essa postura se alterou. O cacique dissera ao padre Simon Masseta que queria suas roupas, não se intimidando frente à importância que o jesuíta parecia ter como representante do sagrado, procurando também esvaziar o papel que teria na colonização daquelas terras. No entanto, Masseta, experiente catequizador havia mais de 20 anos no Paraguai, soube usar das condições adversas para se favorecer. Mostrou a Guirabera que em vez de almejar suas roupas, devia se preocupar em se proteger do demônio e dos portugueses acampados próximos dali. Esse argumento pareceu forte o suficiente ao cacique, ao perceber que os portugueses de fato não atacavam (até aquele momento) os índios reduzidos pelos padres. Por isso, aceitou a conversão, trazendo consigo grande número de seguidores, batizando-se com o nome de Dom Pablo Guirabera (CORTESÃO, I, 1951: 300/3).

Em 1630, a redução de Jesus Maria, liderada pelo capitão Guirabera conseguiu sobreviver aos ataques dos portugueses no ano anterior. No entanto, por uma questão de segurança, foi transferida para junto da redução de Los Angeles, por sua vez também trasladada dos campos do Tayaobá. Os índios, apesar de assustados ao verem os corpos aniquilados deixados pelos portugueses, além dos milhares levados como escravos, acreditavam que com os padres estariam mais seguros, pois era mais fácil se proteger dos ataques se estivessem fortificados nas reduções do que espalhados nos campos. O primeiro alvo dos “sertanistas do Brasil” eram os índios não convertidos, já que a autorização pela Coroa portuguesa de captura dos índios em guerra justa era sobre os índios das matas, não os já cristianizados (MONTEIRO, 2000: 69/70).

No entanto, como se pode perceber pelos casos descritos, esta situação não se manteve por muito tempo. Quando começaram a escassear os índios das matas no Paraguai e Rio da Prata, a estratégia dos portugueses de São Paulo foi se apropriar mesmo dos índios dos padres,

num conflito que se estenderia inclusive para a Corte (na época da União Ibérica, sediada em Madri) e Roma. O empecilho que a Companhia de Jesus passou a desempenhar para os moradores de São Paulo, tanto nos arredores da vila, quanto nos domínios hispânicos foi tão forte que a ordem acabou banida da capitania de São Vicente durante 13 anos (1640-1653). Nesse sentido, se aos índios guaranis pareceu uma estratégia interessante aliar-se aos padres para evitar sua escravização pelos portugueses, nem sempre esta tática surtiu o efeito desejado, já que milhares de índios foram mortos e escravizados, mesmo sendo já cristianizados.

Outro caso ilustra até quanto o poderio jesuítico influenciaria a sorte dos índios frente às invasões portuguesas. A estratégia do cacique Ñanduabuçu de escapar do trabalho compulsório, no contexto hispânico, ou da escravidão, no universo português, foi exitosa, embora arriscada. Assim, este capitão de um grupo guarani do Itatim também foi enredado nas possibilidades de alianças e inimizades que lhes pareceram mais promissoras.

A chegada dos jesuítas na região do Itatim foi concomitante ao início da atividade missionária junto aos índios do Paraguai na década de 1610. A província do Itatim, situada ao norte de Assunção, tinha como principal cidade Santiago de Xerez, que havia sido fundada em 1580 mas não possuía padres da Companhia para catequizar junto aos moradores espanhóis e indígenas da região. O envio de missionários para lá resultou na fundação das missões de Guarambaré e Petum ou Ipané em 1612 que, isoladas e sofrendo a concorrência dos *encomenderos* de Xerez, mantinham-se com dificuldades (CORTESÃO, I, 1951: 155/6). Depois da invasão do Guairá, o padre Antonio Ruiz resolveu deslocar o eixo das missões para pontos mais extremos da província do Paraguai, optando por aumentar a catequese no Itatim. Assim, na década de 1630, três jesuítas foram encarregados das missões e várias aldeias indígenas começaram a aceitar os padres entre eles, transformando-se em reduções jesuíticas.

No rio Araquai, o cacique batizado Diogo Paracu era um importante aliado, cuja amizade permitia avançar para outros campos e outros grupos, com promissores frutos de conversão e conquista para os padres. Duas décadas antes, em 1614, um cacique Ñanduabuçu, vindo de um povoado distante de Guarambaré, havia feito alguns contatos com os jesuítas, enviando-lhes presentes, o que demonstrava a disposição em aceitá-los em suas terras. No entanto, a precariedade das condições, com falta a missionários não proporcionou à época o êxito desta amizade (CORTESÃO, II, 1952: 24/6). Nos anos 1630, quando dos projetos mais ambiciosos da Companhia para o Itatim, novamente um cacique Ñanduabuçu foi mencionado, provavelmente o mesmo, ou algum descendente.

De qualquer forma, o chefe Ñanduabuçu da década de 30 não estava disposto a aceitar em suas terras as condições impostas pelos invasores, colonos ou padres. Assim, quando alguém de fora pedia para falar com o líder, por diversas vezes mandava um emissário fazendo-se passar por ele, nunca se dando a conhecer. Com essas artimanhas, mantinha intacto o seu prestígio de maior feiticeiro da terra e se tornava inatingível, pois ninguém conseguia identificá-lo no meio de seu povo. Apesar da presença insistente dos padres no entorno, as coisas realmente tomaram outro rumo quando apareceu ali um espanhol, que foi atendido pelo falso Ñanduabuçu, segundo contaram os jesuítas. Nesta ocasião, quando o visitante espanhol lhe contou do tratamento que os índios teriam caso tivessem aceitado os padres, o cacique imediatamente resolveu ser aldeado, visto que nesse contexto seria uma proteção contra os que queriam utilizar-se de seu povo.

(...) un Español del Paraguay vino en un pueblo de los en que solian contratar con los Indios, y como no se atrevio de entrar en los pueblos de Ñanduabuçu embiole a llamar, vino pero otro Indio disfraçado como solia diciendo que el era Ñanduabuçu preguntole el Español si era verdadera la fama que por la via de Xerez les avia entrado Padre en sus pueblos, dixo que si que ya tenia P.^e en su pueblo, que le avia traydo la palabra de Dios, bueno esta dixo el Español pensava yo yr a tu pueblo, pero si teneis ya P.^e yo no yre, porque donde los Indios reciben a los P.^{es} no entran los Españoles a inquietarles: como el Indio disfraçado bolbio y dixo esta nueba a su Cacique hizieron luego este discurso: assi donde reciben a los P.^{es} no entran los Españoles no entren demonos de conocer a los P.^{es} y recibamoslen bien, y con esto hizo Dios N. S.^r su negocio y supinos tambien quien era el verdadero cacique Ñanduabuçu (...) (CORTESÃO, II, 1952: 31/9)

Apesar do ânimo com que os padres descreveram esta história, o desfecho dela foi trágico para os índios da região, ainda que Ñanduabuçu teve melhor sorte do que muitos. Seus cálculos de escapar dos espanhóis, utilizando-se dos padres como proteção tiveram efeito, pois os religiosos conseguiram se precaver de inimigos melhores articulados nesta situação: os portugueses. Desta vez, os sertanistas recém chegados ao Itatim, além de contarem com o apoio dos vizinhos de Xerez, interessado em se apossarem dos índios que os jesuítas “protegiam”, também conseguiram convencer os indígenas reduzidos a agirem contra os interesses dos padres. Numa ausência episódica dos religiosos de suas reduções, os sertanistas aproximaram-se da aldeia de Diego Paracu e conseguiram deste cacique homens armados para render os outros povos da região, inclusive Ñanduabuçu. Segundo contaram os padres, os portugueses apresentaram uma falsa carta a Paracu, dizendo que alguns povoados indígenas, mesmo já reduzidos, estavam tramando contra os jesuítas e, portanto, os padres lhe pediam que ajudasse os sertanistas a renderem estes índios rebeldes.

Sem cair no reducionismo jesuíta, que julgou Paracu como ingênuo por acreditar nos portugueses, não se deve esquecer que estes grupos tinham rivalidades entre si que atravessavam gerações. A presença dos padres poderia, por vezes, ter minimizado os conflitos, ou ter sido instrumento por parte dos índios para se obter melhores condições ante os grupos inimigos. De toda forma, ao que parece, Diego Paracu percebeu mais tarde que os portugueses estavam matando e acorrentando índios para lhes servirem, numa investida contra os interesses dos jesuítas. Na volta dos padres, ainda tentou reverter parte de sua ação, indo ao enalço dos portugueses e procurando resgatar os índios cristãos feitos prisioneiros. Na sequência, um dos missionários conseguiu argumentar com os capitães portugueses e acabaram soltando Nanduabuçu. Apesar disso, os padres amargaram a derrota de verem afundar no rio uma balsa cheia de capitães postos a ferro, que se afogaram devido ao peso das correntes (CORTESÃO, II, 1952: 39/45).

A partir dos eventos narrados, que apresentaram as estratégias buscadas pelos líderes indígenas em serem reduzidos nas missões controladas pelos padres no Paraguai, pudemos notar alguns movimentos. Num primeiro sentido, o reconhecimento por parte dos agentes coloniais da autoridade destes caciques como interlocutores que poderiam propiciar a aliança com os padres. Com um segundo aspecto, demonstrando a relevância destes líderes, o papel de destaque que recebiam após a conversão, já que eram alçados a condição de capitães das missões, recebendo cargos administrativos e sendo nomeados com o título de “dom”, o que lhe daria o direito, por exemplo, de não ter sua mão de obra explorada (SUSNIK, 1965: 58/68). Por fim, a presença portuguesa, através dos sertanistas vindos em expedições de apresamento a partir da capitania de São Vicente, desempenharam muitas vezes um papel determinante no destino da catequese. As invasões e agressões (via morte e escravização) praticadas pelos “portugueses de San Pablo” poderiam tanto auxiliar quanto aniquilar as reduções. Isso porque os índios poderiam optar pelas missões como um meio possível de se defenderem da invasão portuguesa, ou ao contrário, julgar que os padres já não podiam evitar seu fim trágico, antes, funcionavam como agentes facilitadores de sua conquista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTESÃO, Jaime (org.) *Manuscritos da Coleção de Angelis*. I. Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951

_____. *Manuscritos da Coleção de Angelis*. II. Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, 1952

_____. *Manuscritos da Coleção de Angelis*. III. Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgações, 1969

FERRETTI, Danilo Zioni. *A construção da paulistanidade*. Identidade, historiografia e política em São Paulo. Tese de doutorado em História Social. São Paulo, FFLCH-USP, 2004

FLECK, Elaine Cristina Deckmann. “Almas em busca de salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII)”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, 2004, pp. 255/300

_____. *Sentir, adoecer e morrer*. Sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. Tese de doutorado em História. Porto Alegre, PUC-RS, 1999

KANTOR, Iris. *Esquecidos e renascidos*. Historiografia Acadêmica Luso-Brasileira (1724-1759). São Paulo/Salvador, Hucitec/Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra*. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo, Companhia das Letras, 2000

SOUSTELLE, Jacques. “Prefácio”. In: HAUBERT, Maxime. *Índios e jesuítas no tempo das missões*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 11/9

SUSNIK, Branislava. *El indio colonial del Paraguay*. I. El guarani colonial. Asuncion, Museo Etnográfico “Andres Barbero”, 1965